

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *11/11/20*Data: *12/02/21*Pág. *-*

Pasta n.º

N.º do recorte

Creches em São Paulo

A Secretaria do Bem-Estar Social está estudando a realização de novos convênios para atendimento da população que precisa creches. Dois novos acordos estão sendo estudados para atender duas unidades da Vila Prudente e da Bela Vista, cada uma com capacidade de acolher 40 crianças. Por esses convênios a Secretaria oferecerá assistência técnica e auxílio financeiro.

Caberá ao setor de integração daquela Secretaria o oferecimento de assessoria técnica para a implantação da creche do Tribunal de Contas do Estado, na avenida Rangel

Pestana. O local, que será mantido pelo TC, destina-se ao acolhimento dos filhos de seus funcionários durante o expediente daquela corte.

A Secretaria do Bem-Estar Social está oferecendo assistência técnica para adaptação de imóvel que será doado pelo Lions Clube do Tucuruvi, para uma futura creche. Essa adaptação dará condições de uso imediato do local, ampliando-se a faixa de atendimento de crianças nas creches municipais, que atualmente é de 6 mil. A Prefeitura vai estudar a fórmula de administrar a nova unidade, que poderá ser feita de forma indireta.

Crianças criticam falta de disponibilidade de seus pais

As crianças lamentam a pouca "disponibilidade" dos pais, particularmente da mãe, quando esta trabalha. Isto é o que ficou apurado através de uma grande pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa e Animação das "Union des Oeuvres Fleuris" (publicação católica para a juventude, de Paris). Os primeiros resultados desta pesquisa, durante a qual foram interrogadas cerca de 200 crianças de oito a onze anos, foram publicados em uma revista da "Union des Oeuvres". Este "dossier" está sendo completado até o fim de junho para ser discutido num encontro nacional da organização, de 9 a 11 de novembro, na região parisiense. O documento nota que a pouca disponibilidade dos pais nas famílias, mais frequentemente reduzidas à célula básica (pai — mãe — filhos) conduz à do fator negativo da "falta de encontro", a tal ponto que as crianças são levadas a discutir e contestar a própria estrutura da família. "Esta contestação, não leva unicamente à recusa, mais ou menos radical, da instituição do matrimônio ou da instituição familiar. A recusa corresponde a uma vontade de estabelecer relações humanas mais ricas, mais verdadeiras, de maior afeição, de alegria e de liberdade, porque menos formais e menos circunscrita quantitativa e qualitativamente". Nós pensamos, diz o documento, que a palavra das crianças é clara sobre muitos aspectos da vida familiar e social. Ela não é agressiva na sua forma, mas obriga, de fato, que seja reconsiderada a ordem de importância da escolha dos bens na sociedade, na Igreja e em tudo o mais. (Ciec-sp)



Feminismo, a vida e o aborto

É possível que a França venha a ter, em maio próximo, o seu mais agitado Dia das Mães. A razão é dada por G. Lapouge em correspondência enviada de Paris, há alguns dias atrás. Afirma ele que a agitação será perfeitamente previsível, se as mulheres francezas vierem a seguir as orientações do Mouvement de Liberation des Femmes, pois esse grupo feminista recomendou que as filhas de Eva observem uma greve total, no campo profissional, no plano doméstico e até em sua vida mais íntima, a partir daquele dia.

O Manifesto divulgado pelo Movimento diz, literalmente: "Queremos concretizar o nosso sonho. Não o sonho dos homens. Queremos mudar o velho mundo. Queremos nos comunicar por meio de nossas personalidades e não por meio de receitas culinárias. Queremos nos libertar de nossas casas-prisões". Pouco mais adiante o Manifesto refere-se ao mito da mulher-objeto: "Denunciamos a fixação pelo sexo, drogas, violações. Denunciamos a utilização do corpo da mulher na publicidade. Não desejamos mais ser colocadas em cartazes, vendidas, violadas..."

A leitura de todo o Manifesto do MLF deixa evidente que sua inspiração não é cristã, embora alguns de seus postulados integrem, também, um autêntico movimento feminista de linhas inspiradas no Evangelho. Assim, por exemplo, quando nele se denuncia o abuso do corpo da mulher na publicidade, despojando-o de sua natural dignidade e respeitabilidade, e instrumentalizando-o em função de interesses subalternos, ninguém poderá objetar-lhe qualquer coisa.

Não conseguimos entender, contudo, porque o Mouvement, da França, escolheu, exatamente, o Dia das Mães, para sua nova investida. O Dia é mais que sagrado para comportar incentivos a uma revoita extemporânea do sexo frágil, como se a maternidade fosse para a mulher, um sinal de inferioridade quando, na realidade, tanto a engrandece aos olhos dos homens que todos, um dia, tão intimamente dela dependeram, continuando durante os longos anos da vida a pagar-lhe o tributo do amor filial.

Uma das razões, talvez, esteja em que os movimentos feministas radicais, da Europa e da Europa e da América, pensam diversamente, reiterando, com sintomática frequência, que a maternidade tolhe à mulher sua plena independência.

Ela somente se igualará (?) ao homem quando puder decidir, com absoluta autonomia de toda lei moral ou lei positiva, relativamente a dispor sobre o próprio corpo. Nessa linha, as feministas de inspiração pagã advogam o uso e o abuso das drogas anticonceptivas e, até mesmo, o direito de abortar quando bem entenderem. Mas aqui, entramos no segundo fato que está a exigir algumas reflexões.

* * *

Sob o título "Aborto, um problema ainda à procura de solução", informava conceituado diário carioca: "A taxa de natalidade baixará a níveis importantes, num país que tenha liberado o aborto? Não parece assim, pelo menos segundo um estudo publicado pelo Instituto Nacional Francês de Estudos Demográficos. Na União Soviética, a liberação de 1955 não significou mais do que uma baixa de 3%. Na Inglaterra, ela ocorreu em 1967 e provocou uma baixa pouco menor, assim como na Alemanha. Na Checoslováquia, onde os abortos permitidos pela lei representam 36% dos casos de gestação, entre 1956 e 1973, a taxa de natalidade caiu de 19,8 para 16,5 por mil. Assim, a influência da liberação do aborto sobre a taxa de natalidade é bastante variável. Em certos países, o número de abortos alcança um nível bem elevado, em relação ao número de nascimentos: 76 por 1.000 na Bulgária; 130 por 1.000 na Hungria e, parece, 400 por 1.000 na Romenia".

Torna-se a cada dia mais claro, que o aborto criminoso ou legalizado não foi, jamais, uma solução. É, antes e acima de tudo, um problema bem maior que o parto, por mais dramático e traumatizante que este possa ser. Os que duvidassem dessa verdade, deveriam tomar conhecimento das angústias morais e das lágrimas de tantas mulheres, iludidas pelo aceno fácil e envolvente ao aborto, como "saída" para seus problemas de uma gestação indesejável. As marcas do assassinato do próprio filho — a expressão exata é essa, mesmo quando os homens tentem legalizá-lo — deixam para toda a vida, feridas bem mais profundas que as possivelmente causadas por um parto sofrido, mas honroso.

O argumento de que o aborto legal acabaria com o aborto criminoso, realizado na clandestinidade, também é muito fraco. As estatísticas continuam demonstrando que nos países mais liberais, em que nada significa matar inocentes — um a

cada seis minutos em hospitais ingleses — ao lado do aumento crescente dos abortos legais, continuam em ascensão, também, os abortos que escapam ao controle das autoridades, provocados fora dos hospitais.

Também parece oportuno insistir em que a tragédia, sempre mais rara, aliás, de mulheres cujo parto coloca em jogo sua própria vida e de donzelas vítimas de violências seguidas de uma gestação, continua sensibilizando não apenas a juristas e legisladores mas, também, a Igreja. Todo problema humano e, com redobrada razão, todo drama humano, comove a Igreja. Mas no delicado problema, não assiste a ninguém, e menos ainda à Igreja, o direito de passar por cima de princípios tão sagrados como o da inviolabilidade do direito à vida, inerente à personalidade de todo e qualquer nascituro.

O direito à vida, de vir à luz do dia e de ter uma vida digna por toda a existência, deve ser lembrado sempre, particularmente, nestes difíceis momentos para o nascituro. Acresce que nos encontramos nos instantes mais importantes da Campanha da Fraternidade deste ano, cujo tema central é "reconstruir a vida". A vida do pequeno ser, indefeso, engendrado no templo do ventre materno, tem a mesma dignidade e idênticos direitos que a da criança, do jovem e do adulto inocente. Somente Deus é seu Senhor. E Ele pedirá severas contas à mulher, ao homem, ao médico, ao legislador, à autoridade que ousar levantar a mão contra qualquer inocente. Como Caim, eles ouvirão de Deus, a palavra indagadora e de condenação: "Onde está teu irmão? A voz do sangue de teu irmão Abel, da terra, clama por mim!"

* * *

Tem sua relação com os fatos acima, uma reflexão sobre o problema demográfico, que persiste preocupando a cientistas e líderes dos povos. Continua-se a falar na "explosão" populacional, acenando as dias difíceis para a humanidade, quando superabundarem bocas e escassearem alimentos, quando sobrarem braços e não houver mais terras cultiváveis e bens de consumo suficientes. Algumas considerações ditas e repetidas aqui e ali, parecem insinuar que o mais importante, não é a busca e o encontro de soluções altas para o problema, mas agitar o espantinho da fome, com profecias de desgraças e calamidades iminentes.

Assim, é uma satisfação saber-se que o Brasil, apesar de todas as pressões internas e externas, não se dobrou às exigências de uma política demográfica antinatalista, continuando a proclamar em congressos internacionais, a convicção de que o problema do número dos filhos, é do casal e não do Estado, cabendo a este propiciar condições de habitação, saúde, sustentação digna, segurança e possibilidades de uma realização integral para a prole.

Na mesma linha de idéias, lemos com prazer, em editorial de um grande matutino: "Todos os países podem e devem ter uma política demográfica. Mas isto, apenas, jamais solucionaria um problema verticalmente enraizado em relações deformadas. E nem seria uma solução resolverem os países industrializados exportar para os subdesenvolvidos apenas suas indústrias poluentes, guardando para si a teledireção das mesmas: o crescimento de populações não significa necessariamente um crescimento da estupidez humana. O caso, fundamentalmente, é de planejamento global, e não apenas demográfico, e de manter bem nítido o objetivo de civilizar o mundo e nunca de dividi-lo entre nações de servos e de senhores. Este é o problema mais fascinante da atualidade. Das soluções agora encaminhadas depende, como se diz, a qualidade da vida no século vindouro, e nos demais".

Essas palavras são sábias e, fundamentalmente, coincidem com as do próprio Papa Paulo VI, tão incompreendido neste particular problema, que acaba de reiterar a límpida doutrina da moral natural e evangélica ou, se se desejar, da Igreja de Cristo, em documento enviado aos maiores responsáveis pela próxima Conferência Mundial sobre problemas de população. Chamamos a atenção de nossos leitores para a transcendente palavra destacada na primeira página desta edição, daquele que não se dobrou a argumentos de conveniência ou de compromisso, nem, muito menos, a uma "ética de situação", cujo relativismo, no caso em foco, é o maior responsável pelo crescente hedonismo na conduta humana atual e, por que não, também, pela impressionante desqualificação geral em que se encontram o casamento, a paternidade, a maternidade e, até mesmo a própria vida.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *C. SPAN*Data: *20 / 04 / 74*Pág. *1*Pasta n.º *1*N.º do recorte *1*

ANO INTERNACIONAL DA MULHER

1975 foi proclamado pela ONU (Organização das Nações Unidas) como o "Ano Internacional da Mulher", com o tema central "Igualdade, Desenvolvimento e Paz".

Coincidindo com o Ano Santo, o Ano Internacional da Mulher será, para a Igreja, ocasião de colaborar num aspecto importante do desenvolvimento qualitativo da comunidade humana, dando-lhe uma contribuição especificamente cristã. Será, também, para a Igreja ocasião propícia de renovar suas estruturas e sua própria vida de modo a favorecer a plena participação das mulheres segundo suas competências e vocações próprias.

O Papa Paulo VI recebeu, no dia 7 último a Sra. Helvi Sipila, Secretária Geral Adjunta da ONU para a promoção social e os trabalhos humanitários e Secretária Geral do Ano Internacional da Mulher. Nessa ocasião, o Sto. Padre externou sua alegria dizendo que acompanhará com atenção e simpatia tal empreendimento. Acrescentou que essa iniciativa não encontra a Igreja desprevenida diante do problema nem alheia a um desejo firme de dar-lhe solução. Pelo contrário: a Igreja reconhece no atual esforço para promover a mulher na sociedade um "sinal dos tempos" e um apelo do Espírito

Falando sobre o temário, sintetizado em "Igualdade, Desenvolvimento e Paz", disse o Papa que a igualdade só se encontra em seu fundamento essencial que é a dignidade da pessoa humana, homem e mulher, em sua relação final com Deus de quem são imagem visível.

Isto não exclui a distinção, na unidade, e a contribuição específica da mulher ao pleno desenvolvimento da sociedade de acordo com sua vocação própria e pessoal. Assim, a mulher de hoje será capaz de tornar-se mais consciente de seus direitos e deveres e de contribuir, não somente para sua elevação, mas também para um progresso qualitativo da convivência humana "no desenvolvimento e na paz".

E como a família é a célula fundamental e vivificante da sociedade humana, conforme o desígnio mesmo de Deus a mulher preservará e promoverá, principalmente na comunidade familiar em plena corresponsabilidade com o homem, sua tarefa de acolher, dar e educar a vida, num crescente desenvolvimento de suas potencialidades.

Finalizando, o Sto. Padre apresentou a todos os que colaboraram na preparação do Ano Internacional da Mulher a figura da Virgem Maria como ponto de referência.

ANO DA FAMÍLIA IGREJA E FAMÍLIA NA AMÉRICA LATINA

Publicamos aqui um trabalho oferecido a todo o Regional Sul 1 da CNBB pelo seu Secretário Mons. Mauro Morelli. Encontrando-nos no Ano da Família, tudo que possa ajudar na reflexão sobre seus problemas, encontrará n'OSÃO PAULO pronta acolhida.

INTRODUÇÃO
Na Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, reunida em Medellín, exortaram os Pastores a que se dera à Família "o lugar que lhe corresponde na construção de uma cidade temporal digna do homem" e esforçaram-se para comprometer-se na Pastoral Familiar cuja importância é prioritária (1).

Na América Latina, a fa-

mília goza ainda de uma importância global muito grande, nas diversas dimensões de sua missão, como formadora de pessoas educadora na fé e promotora do desenvolvimento (2) ainda que careça hoje do influxo total e determinante de outros tempos, porque existe um conjunto de realidades sociais que possuem funções e repercussões crescentes nas pessoas e na sociedade.

Convencidos da importância prioritária da Pastoral Familiar e da urgência de um tratamento adequado dos problemas da Família em nosso Continente, oferecemos algumas considerações sobre o tema, com o objetivo de ajudar ao necessário diálogo e estudo. Nestes campos limitamos-nos, forçosamente, a alguns pontos que consideramos de maior transcendência. Estas páginas re-



gistem o essencial do trabalho da Equipe de Reflexão, Teológico-Pastoral do CELAM sobre a Família.

Procuraremos em primeiro lugar, de dar uma visão da realidade da Família na América Latina; depois faremos uma reflexão de fé, partindo destes dados e por último, abordaremos as perspectivas pastorais.

I — ALGUNS ASPECTOS DA REALIDADE FAMILIAR NA AMÉRICA LATINA

Existe alguma ambiguidade no conceito "Família"? Entendemos que no seu núcleo essencial, a Família existe desde que duas pessoas, de sexo diferente unam-se com o mínimo de afeto e de modo relativamente estável; aceitam gerar um filho e comprometem-se a educá-lo ao menos tacitamente.

Refletir sobre a Família não é fácil, como observa a Conferência de Medellín, porque a idéia de família encarna-se em realidades sociológicas sumamente diferentes. Porque a Família sofreu, talvez mais que outras instituições, os impactos das mudanças e transformações sociais (3).

Historicamente, a Família, em núcleo essencial, adquiriu novas dimensões. Nas diversas culturas e civilizações, a Família conta com riquezas em maior ou menor grau. É inegável que o cristianismo trouxe para a realidade familiar grande enriquecimento, explicitando ou dando uma dimensão de profundidade a valores nela contidos, introduzindo novos valores desconhecidos menosprezados ou rejeitados pelo paganismo, como é o caso do valor da monogamia, vista na perspectiva cristã, a partir da densidade do compromisso de amor. Serviços não menores foram prestados ao acentuar a dignidade da mulher e sua função eminente no lar e na sociedade.

Existe na América Latina uma notável variedade de formas sociológicas da Família. Há marcadas diferenças, por exemplo entre o tipo de família indígena de vários países, como: México, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, nos quais a população indígena possui alta porcentagem; as famílias de descendência direta ibérica, constituiam núcleos especiais, com tendências segregacionistas; e as famílias procedentes de imigrantes alemães, italianos, ucranianos ou polacos como no Brasil, Argentina e Chile. Não é menor a diferença existente entre classes opulentas e letradas de nossas cidades (grandes e médias), muito ligados ao tipo de família burguesa

européia ou norte-americana (4) e o tipo de família agrícola (sub-proprietário rural) ou os habitantes, resultantes de fortes correntes migratórias, situados nas favelas de muitas urbes (5) é notável também, a diferença que encontramos entre as famílias civis e/ou religiosamente constituídas, com famílias nascidas apenas de um simples consentimento tácito; entre famílias incompletas (filhos nascidos de mães solteiras), ou truncadas pela ausência ou o abandono de um dos conjuges entre famílias que ostentam modalidades de tipo tribal ou famílias "hippies", que por fator de imitação começam a existir em alguns lugares.

Esta apresentação evidentemente é incompleta.

Uma análise acurada revela a existência de vários modelos de Família em nossos países, os quais nos limitaremos a descrevê-los em suas formas principais, sem considerar os seus valores. As transformações aceleradas, mais ou menos radicais, que se operam na ciência e na técnica e que, fortemente incidem na sociedade global, repercutem, naturalmente na família.

Podemos falar, da mudança, de um MODELO TRADICIONAL DE FAMÍLIA para um MODELO DE TRANSIÇÃO. As características desta mudança podem ter em sua aplicação diferentes graus de universalidade e impacto.

Como tipificaríamos o modelo de Família Tradicional? É tributária, substancialmente da forma da Família patriarcal, muito ligada à sociedade rural, fechada, estática. A mulher, neste modelo, está bem circunscrita ao mundo doméstico e vive em situação de dependência. A obediência ao esposo recebe, como recompensa, a proteção. O mundo do homem é o trabalho, que lhe assegura sua independência. Nesta forma de "Família nuclear" o casal e os filhos, de si, possuem uma relação muito direta. Sua rede de relações inscreve-se fundamentalmente entre seus parentes. Os laços de sangue têm uma grande importância.

Quais são os principais traços do Modelo que chamamos de TRANSIÇÃO? (6). Numa sociedade que se industrializa e entra em processo de urbanização, operam-se mudanças significativas na Família, como salienta o Santo Padre: "No seio da sociedade industrial, a urbanização transtorna os modos de vida e as estruturas habituais da existência; a família, a vizinhança, o marco mesmo da comunidade cristã" (7). Neste processo, certamente irreversível, em que

se debilita a civilização agrícola, altera-se sensivelmente o papel da mulher: entrando cada vez mais no mundo do trabalho; não vive mais num núcleo fechado segregado do mundo dos homens, mas integra-se progressivamente nele, para abrir novos horizontes de relações no "mundo da amizade" e no "mundo das atividades", que não se identificam. A rede de relações peculiares da "Família nuclear", tão concentrada, afrouxa-se: constata-se mais relacionamento com os amigos, em um amplo campo de escolha, do que com parentes (8).

Esta alteração da posição da mulher não está isenta de sérias tensões nas relações entre esposo e esposa, que lhes solicita contínuos esforços de adaptação. Os sociólogos apontam a passagem de uma relação de dependência (da mulher) para uma relação própria do "mundo de companheiros", entre iguais; com exigências reciprocas de amor e afetividade e com uma responsabilidade compartilhada, tanto relacionada com a educação e cuidado dos filhos, que antigamente era somente da mulher (9), como também em relação com as responsabilidades sociais e políticas.

Altera-se também a rede de relações dos filhos, a qual amplia-se notavelmente, com seus companheiros de escola, do trabalho e de bairro (10). O jovem experimenta que é co-autor de sua própria educação, membro ativo da sociedade. Põe em jogo muitos valores convencionais e também outros de verdadeira densidade, em um processo próximo da "Anomia".

A família aparece nessa transição não isolada e fechada sobre si mesma, mas aberta; com uma grande mobilidade geográfica, com uma vasta rede de relações. Tudo isso oferece amplas possibilidades à Família, porém também um sério risco. Pode o modelo de transição ajudar a fomentar um sentido maior da dignidade da pessoa humana e por conseguinte da proeminência dos valores personalistas sobre os canones institucionais, maior participação democrática; a necessária abertura do lar para o social e para o político.

A Família, como transmissora de valores depara-se com a concorrência (competição?) da escola, vizinhança, diversos meios sociais, dos meios de comunicação social etc. Conservando seu conteúdo essencial, estes fatos alteram em profundidade as condições acidentais da Família.

Os modelos mencionados co-existem na América Latina. O modelo tradicional mais comum no campo, progressivamente está se quebrando e é evidente que o processo tendencial manifesta a paulatina implantação do modelo de transição. Na diversificação da América Latina, o quadro é bastante móvel, e sobressai pelas fortes migrações internas.

Na Família latino-americana pode-se discernir, sem dificuldade, alguns problemas que a afetam agudamente.

Destacamos, por sua gravidade, o impacto que o subdesenvolvimento causa na maioria das famílias que sofrem uma situação global de marginalização (social, econômica, política cultural), entrelaçada de injustiças. Milhares de famílias agrícolas vivem "numa miséria não merecida" (11), milhares de famílias urbanas debatem-se também com condições inhumanas (12). O fragelo da subnutrição cobra um elevado número de vítimas infantis e deixa desastrosas sequelas no desenvolvimento físico e mental (13).

Entre as razões fundamentais de tão alarmante situação, estão as estruturas sociais, econômicas e políticas injustas que impedem o "direito ao desenvolvimento" obstáculo objetivo que exige: "que seja superada a condição geral de marginalização social, que desapareçam as valas ou os círculos viciosos convertidos em sistema e contrários à promoção coletivas" (Sinodo Episcopal — Justiça e Mundo).

A causa desta marginalização, sobretudo de cunho cultural, numerosíssimo, grande número de casais de todos os nossos países unem-se por força de um amor que não parece superar um nível instintivo (por afirmação da virilidade no homem e para procurar proteção e realização maternal na mulher), sem um grau suficiente de maturidade psico-espiritual, de educação sexual-afetiva e sem perspectiva verdadeiramente humana. Tudo isto representa um inaludível desafio a urgir reformas profundas e indispensáveis e a estabelecer uma adequada pastoral familiar. Em tais circunstâncias de miséria, observa a Conferência de Medellín, produz-se a "impossibilidade material e moral, para muitos jovens — de constituir dignamente uma família, o que faz com que surjam várias células familiares deterioradas" (14).

Desta situação originam-se a alarmante porcentagem de crianças nascidas em lares formados ao acaso, sem amparo legal, religioso civil, ou simplesmente humano (15). Os filhos destes lares desorganizados ou não estáveis encontram-se permanentemente sujeitos ao perigo de distúrbios psíquicos graves, a um baixíssimo rendimento escolar e à predisposição para a delinquência infantil e juvenil.

É sumamente reduzida a mobilidade social e a possibilidade de uma real superação.

Estas diferenças provêm, na maioria dos casos, do fato de uma organização familiar classista (16).

Com estes fatos não pretendemos desconhecer a existência de numerosíssimas famílias solidamente constituídas, que, em diferentes classes sociais e em diferente situação, realizam sua vocação de maneira responsável e numa dimensão de fé que torna mais profundo o amor e dá sentido à vida e aos seus sacrifícios (17).

Outro problema muito grave que marca a realidade do nosso continente é o **desequilíbrio demográfico** que será abordado fundamentalmente com relação a desproporção entre os recursos econômicos e o rápido crescimento da população. Não é a densidade geográfica a que mais importa. Neste sentido a América Latina não é superpovoada (a não ser em casos como El Salvador). É grave, no entanto, o problema da "densidade social", com os fortes fatores limitantes de possibilidades socio-econômico-culturais, que impedem a milhões de famílias de educarem adequadamente seus filhos a assegurar-lhes um futuro digno (18).

Para responder a tão delicado problema costuma-se partir de enfoques unilaterais e recorrer a políticas demográficas antinatalistas indiscriminadas e radicais. Não poucos governos, seja porque julgam precipitadamente que não há outra alternativa porque se vem obrigados a ceder a pressões estrangeiras, com condições onerosas, promovem grandes campanhas lesivas à dignidade da pessoa humana e aos povos (19).

Não se levou em consideração a recomendação do Santo Padre: "É certo que os poderes públicos dentro dos limites de sua competência, podem intervir, levando a cabo uma informação apropriada e adotando medidas convenientes, com tanto que estejam de acordo com as exigências da lei moral e respeitem a justa liberdade dos esposos" (20).

(Continua na pág. 6)

Estas crianças querem um Lar maior

São ao todo sessenta crianças que moram no Lar da Criança do Menino Jesus. As mais novas, uma delas de quatro meses, tem a beleza de todos os bebês saudáveis. Todas bonitas, brancas ou pretas, elas tornam-se iguais pelo tratamento que recebem, como se morassem com suas próprias famílias. O Lar da Criança, não faz distinções e seus dirigentes ou colaboradores querem abrigar mais crianças que nascem ao desamparo. Mensalmente, as despesas atingem nove mil cruzeiros, mas todas as dificuldades vão sendo vencidas.

A preocupação, agora, é dar aos meninos e meninas do Lar da Criança do Menino Jesus um prédio maior, a ser construído em terreno de dois mil metros quadrados, na Vila Galvão. Não há dinheiro em caixa nem para a compra de um milheiro de tijolos mas quem conhece a entidade e seu trabalho assistencial sabe que o objetivo será alcançado.

Embora as crianças não tenham pais, a instituição só as doa excepcionalmente. O carinho dispensado à petizada agrada ao visitante. Os mais novos são cuidados pelos mais velhos, como se todos fossem irmãos. Uma criança descontrainda, de aparência feliz, é o que se vê ali.

Comunicativos, meninos e meninas recebem com alegria as pessoas que visitam a instituição: cantam e dançam como se todos os dias fosse o aniversário de uma delas. Assim é o Lar, que começou a funcionar há cerca de dois

anos, com 30 crianças antes condenadas ao abandono.

O HOSPITAL

O Lar da Criança, discretamente enfrenta as dificuldades comuns a instituições do mesmo nível que não recebem auxílio do governo. O que tem valido é a boa vontade de doadores. Quando começa a faltar dinheiro sempre aparece alguém disposto a ajudar.

O Lar tem contado com a colaboração do Hospital Presidente, cujos diretores cuidam da saúde das crianças com desvelo. De quatro em quatro meses, todas passam por exames médicos. Tudo que o Hospital Presidente faz, internando, quando necessário, crianças doentes, não custa um tostão.

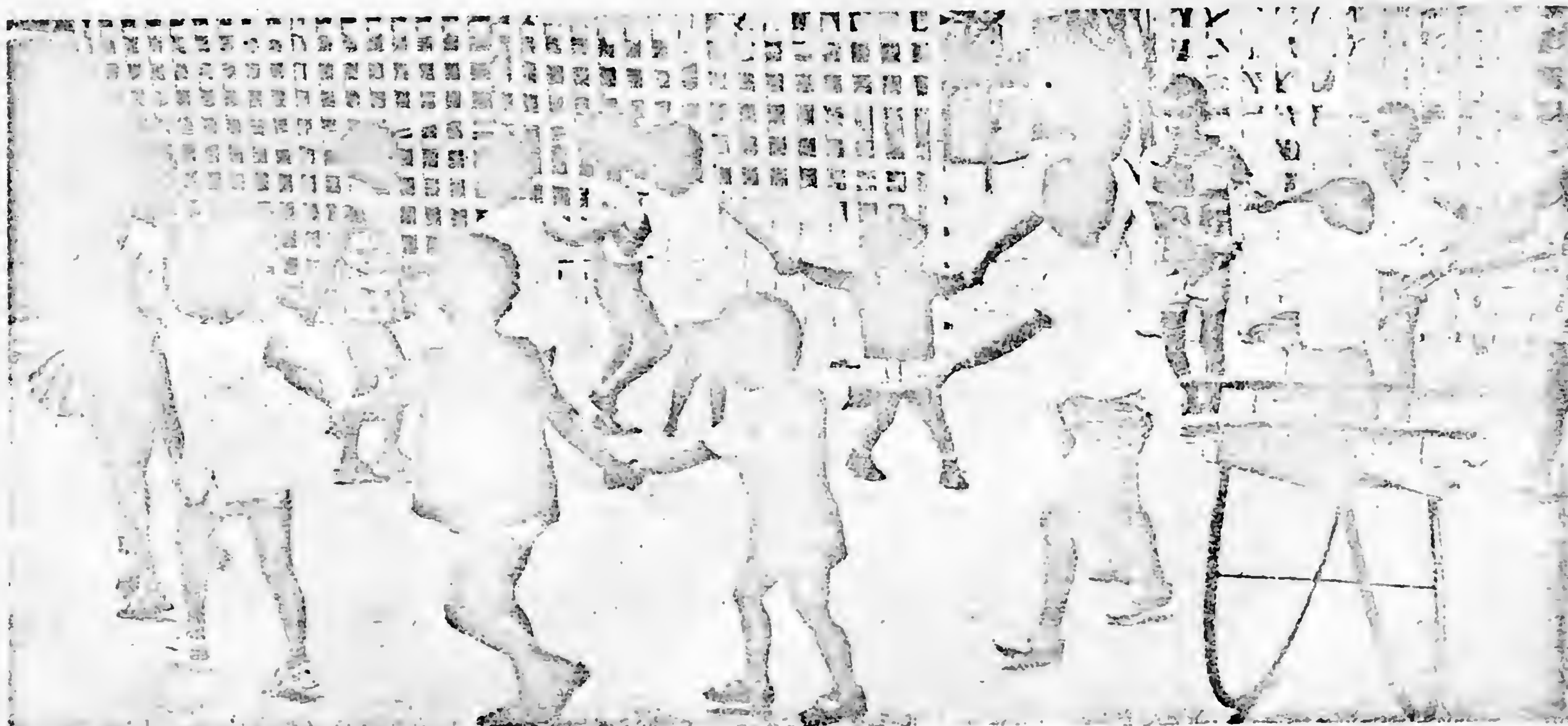
DONATIVOS

Dona Guiomar Morseli, a presidente da instituição, é grata a todos que a ajudam e deseja, é claro, aumentar o quadro de contribuintes. Quer também receber alimentos, roupa de cama e de banho. Em suma, quer que mais gente conheça a entidade para integrar-se ao trabalho assistencial.

Quem quiser ajudar, deve ir à Rua Coronel Otavio Azeredo, 280, na altura do número 1.100 da rua Coronel Sezefredo Fagundes, no Tucuruvi. E os telefones 288-3979 e 298-5833, estão à disposição das pessoas generosas. Sapatos velhos, roupas usadas, tudo que possa ser útil às crianças é bem recebido.



Ao escoregar a garota mostra toda a sua alegria.



No Lar Menino Jesus, sessenta crianças recebem, diariamente, todo o carinho possível. São felizes.



Na Creche Catarina Labouré, a simpatia das crianças.

Creche precisa da ajuda de muitos

Desde que foi fundada, há 42 anos, a Creche Catarina Labouré nunca enfrentou tantas dificuldades, como agora. Os beirais do prédio em que funciona, na rua Cipriano Barata, 2.028, estão ruindo, há paredes que cedem e a pintura, gasta pelo tempo, dá ao visitante uma impressão de tristeza. Se não fossem as crianças que a instituição abriga, sempre alegres porque ignoram a situação que a creche atravessa, o prédio seria lugubre, sombrio.

A creche é conhecida em todo o Brasil e no Ipiranga, onde sua assistência é maior, é um ponto de referência para localização de outros endereços. Mas o bom nome não basta, pois a creche não tem recursos que assegurem uma situação tranquila, como merece.

A COMPENSAÇÃO

As irmãs da Congregação de São Vicente de Paulo, que criaram e mantêm, com enorme sacrifício, a instituição, vivem preocupadas com os compromissos que a manutenção exige. Elas já não falam em construir no ABC, como era seu sonho, há muitos anos, um pavilhão para os meninos, para dar-lhes uma profissão, pois aceitam as vicissitudes

que enfrentam.

A compensação de todos os dias está na alegria de quase quatrocentos meninos e meninas que vivem em regime de internato e semi-internato. No Ipiranga e arredores, centenas de mães que trabalham fora sabem o quanto devem à creche. Mas a maioria não pode pagar e muitas famílias ricas, que internaram crianças na instituição e prometeram ajudar bastante, deixaram de aparecer só ficou a promessa.

DONATIVOS

As irmãs recebem com muita alegria os donativos que lhes forem encaminhados. Alimentos em geral, principalmente leite em pó, roupas de cama, mesa e banho, mesmo usadas, agasalhos e roupas para as crianças e também calçados. Quem bater à porta da creche para oferecer uma contribuição, por modesta que seja, será recebido de braços abertos e carinhosamente tratado como são tratadas as centenas de crianças que a instituição protege. E quem não tiver tempo para conhecer o extraordinário trabalho assistencial, pode servir-se dos telefones 63-3999 e 63-2289. É preciso ajudar as irmãs que estão vivendo dias muito difíceis.

Novas creches vão abrigar mais crianças da Capital

"A rede municipal de creches será ampliada com a construção de mais três unidades, em Vila Maria, Pirituba e Ibirapuera, as quais permitirão atender mais 500 crianças" — disse o prof. Henrique Gamba, secretário do Bem-Estar Social da Prefeitura.

"A creche do Ibirapuera será destinada ao atendimento de filhos de servidores municipais e será uma experiência piloto, além de atender os justos reclamos feitos pelos funcionários" — continuou.

"Além disto", disse o secretário, "as novas creches darão prosseguimento à nossa diretriz de cooperação e integração com os recursos comunitários, mas nossos serviços dentro da área não vão parar aí. Estamos celebrando novos convênios com entidades particulares que prestam serviços à infância."

"Neste sentido disse-estamos selecionando instituições que manifestem o interesse em receber assistência técnica e financeira da secretaria, para a manutenção de programas de atendimento a crianças de 0 a 6 anos."

CIFRAS

O prof. Henrique Gamba, após frisar que "nosso objetivo primordial é a integração social de camadas populacionais em processo

de marginalização social", disse que "o atendimento à criança pertencente a famílias de baixo nível socio-econômico constitui-se num dos programas prioritários da secretaria, através do seu Departamento de Integração Social, visando ao desenvolvimento bio-psico-social de crianças de baixa renda."

Inferiu ainda que "a população infantil, na idade compreendida entre 0 e 6 anos, pertencente às camadas de renda baixa e média do município de São Paulo, atinge a cifra de 352.000, das quais 7.657 foram atendidas por nós, através do Programa de Assistência à Infância e a Família, no exercício de 1973."

"Este atendimento entretanto-continuou — representou somente 2,1% da população que constitui a demanda potencial de crianças carentes de condições satisfatórias para um desenvolvimento harmônico e integral de suas potencialidades."

Disse ainda que "o atendimento atualmente desenvolvido pela secretaria é processado através de uma rede própria de creches municipais, em número de 17, administradas direta ou indiretamente pela Prefeitura Municipal, e também através de 28 creches particulares que, através de convênios, recebem assistência técnica e financeira."

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *FILHAS DO*
Data *19/08/74*
Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte



O comendador Agostinho Prada cumprimenta o jovem José Guilherme Prada, ex-integrante da Creche Clélia Prada.

LIMEIRA

Jubileu de prata da creche Clélia Prada

A creche Clélia Prada, mantida pela Fundação Prada de Assistência Social, criada para cuidar dos filhos dos operários da Companhia Prada, comemorou sábado seu jubileu de prata. A instituição está entregue, desde a sua fundação às religiosas Filhas de São José — irmãs Felicitá, Savéria e Concetta que, até agora, já cuidaram de 758 crianças de ambos os sexos.

Com a presença dos pais das crianças, ex-alunos e funcionários da companhia, foi homenageado o comendador Agostinho Prada, falando em nome das crianças o jovem José Guilherme Prada, que já pertenceu à creche Clélia Prada. Em nome das mães falou Egle Bassi Del Bianco, enquanto o médico João Batista Borelli, representando o consulado italiano, saudou o

comendador, inspirador da queia obra assistencial.

JARDIM DE INFÂNCIA

Anexos à creche, funcionam o Jardim de Infância Iris Della Chiesa, fundado em 1957 frequentado até agora por 1.254 crianças, e a Escola Materna Ana Prado, fundada dois anos depois com o objetivo de prestar orientação às meninas concluintes do pré-primário, por meio de cursos de administração do lar, educação religiosa e moral, além de trabalhos manuais. Passaram pela Escola Materna 480 meninas, filhas de operários da indústria Prada.

Em 1969, a Prada ofereceu algumas vagas ao Serviço de Assistência Social do Município, sendo que 72 crianças foram beneficiadas pela Fundação Prada.

Menores marginalizados nas classes sociais mais altas

Sendo sócio-econômicas as causas da marginalização do menor considerado carente, abandonado ou infrator — segundo a ética sociológica — as causas que marginalizam o menor da nossa faixa social são, principalmente, de origem psicológica.

Encontramos, no entanto, um fator comum que impera nas duas circunstâncias: a desorganização familiar.

A família está sofrendo um processo de transformação muito rápido: o marido se vê massacrado no setor de trabalho pela competição agressiva; a mulher está à procura da melhor maneira de se desenvolver como ser humano, no sentido global, os filhos rejeitam um sistema educacional na base da autoridade. E nem sempre todos encontram o caminho certo para constituir uma família bem ajustada ao tempo e ao espaço.

Quando inexistente uma interação harmoniosa no lar, os filhos se ressentem em maior ou menor grau.

O fator que pesa no desajustamento da criança e do adolescente é a carência afetiva. A consequência da falta de afeto é a instalação de um quadro funcional caracterizado por:

desarmonia entre o desenvolvimento intelectual e motor, que é normal, e a maturação emocional, que se retarda.

A imaturidade em relação à idade pode se manifestar por crises de ansiedade aguda, como no seguinte fato:

Criança que presenciou violenta briga dos pais ficou vários dias sem falar.

É comum, nos casos de ansiedade aguda, que a criança use linguagem infantil prolongada além da idade normal e que haja retardo considerável na aquisição da palavra. É um fato que acontece muito à criança com a chegada ao mundo de um irmão, o que lhe traz insegurança e sensação de ser posto à margem.

Pais com problemas psicológicos não estão aptos a dedicar aos filhos a atenção de que necessitam. Casos há em que os menores começam a sentir dificuldades de comunicação verbal; outros, refugiam-se no isolamento; há, também, a fuga através de atividades auto-compensadoras, de crises de auto e de hetero-agressão.

Senhora ainda jovem, preocupada com graves problemas conjugais que terminaram em desquite, confessou não ter percebido de que o filho adolescente havia se alienado da realidade hostil, refugiando-se no uso de entorpecentes. A roleira russa, as corridas de moto e de carro, sem apreço pela própria vida, ou à dos outros, são exemplos muito conhecidos de todos.

Nota: embora os psicólogos, na grande maioria, concordem em que essas atitudes de auto e de hetero-agressão possam ser causadas por sensações conscientes ou inconscientes de rejeição, queremos deixar bem claro que esses comportamentos que acabamos de citar, podem ser causas completamente diferentes — como anseio de aventura, desejo de auto-afirmação, entre outras — dependendo de cada caso.

Dentre os casos que nos foram fornecidos por assistência social incumbida, no Fórum, de pesquisar a situação de menores para solução de diversos problemas a eles referentes, selecionamos os seguintes:

Menino de 12 anos, filho de pais desquitados (ambos casados novamente), e com filhos da segunda união). Vive com a avó, também desquitada e com novo companheiro. Dilacerado, entre os familiares que não se entendem e se acusam mutuamente, o garoto é emotivamente desequilibrado e com pequenas possibilidades de integração em nenhuma das três famílias em que se dividiu seu lar natural.

As vezes o menor se revolta com a desagregação familiar e se torna o que se convencionou chamar de "problemático".

Rapaz de 15 anos, filho de pais desquitados, ficou com o pai quando do desquite, com consentimento da mãe, por não se entender com ela e não aceitar o homem a quem ela se uniu. Acusa a mãe de ter traído o marido, namorando na presença dele, filho com seu futuro segundo marido. Responsabiliza a mãe pela desarmonia do lar e separação da família e não quer morar com ela, nem sequer visitá-la.

Informou ainda a assistente social que, quando as crianças são mantidas contra a vontade com um dos pais ou com os avós, nos nos casos de desquite, eles se tornam comumente desajustados e é frequente que, na adolescência, abandonem o lar e se entreguem a vícios: o mesmo acontece quando os filhos não aceitam o novo pai ou a nova mãe; dão-se a drogas, tornam-se arruaceiros, procuram rodas de delinquentes. O estranho é que as vezes se sentem culpados da separação dos pais.



Outro fator de importância que pode levar a criança ou o adolescente a não se integrar harmonicamente na sociedade é a super-proteção dos pais. Segundo o depoimento de psicóloga que entrevistamos, as vezes a super-proteção é uma forma de compensar uma rejeição mais profunda, por parte dos pais (geralmente da mãe). É mais comum no caso de crianças que nasceram com defeitos físicos ou ainda quando o filho foi gerado sem o desejo dos genitores.

Outras vezes, a super-pendência passiva, quando proteção é consequência de ansiedade de pais que perderam outro filho, por doença ou acidente, e que ficam atemorizados ante a perspectiva de que o fato possa repetir-se. Ou, ainda, pode tratar-se de neurose, em maior ou menor grau, dos progenitores.

Adolescente sente-se marginalizada pelo fato de os pais a proibirem de acompanhar seu grupo etário, quando quer nadar no Guarujá, passear de lancha, patinar no gelo, esquiar, etc. Reconhece que os pais visam protegê-la contra "tragédias que aconteceram com fulano ou sicrano", mas diz preferir morrer a viver em redoma.

Qualquer que tenha sido o fator que deu origem à atitude de super-proteção, o certo é que ela é um entrave na maturidade psíquica da criança, que cresce num estado de profundamente atingida. Sente-se insegura, tem medo de assumir responsabilidade.

Por outro lado, a tolerância excessiva, a super-indulgência também causam danos, levando as crianças a terem dificuldades de entrosamento fora do lar (escola, ambiente social).

A problemática de pais que muitas vezes se ressentem da autoridade excessiva dos próprios progenitores; que atravessaram sua meninice e juventude em regime de grande austeridade econômica, levam os a "não quererem que os filhos sofram o que eles sofreram".

Outras vezes, encobre o egocentrismo: são os pais que deixam que os filhos façam tudo o que quiserem desde que não sejam incomodados.

O sentimento de culpa por se sentirem com incapacidade de educar também pode levar os pais à permissividade na educação dos filhos.

Como exemplo de consequência, talvez, de permissividade, temos:

Em conferência de psicólogo que afirmavam estar assustado com o número de menores da classe social abastada que se estão viciando em tóxicos, uma das assistentes o interpela, por estar perplexa com atitude semelhante do próprio filho: afirmou ela ser o jovem amado por todos os familiares e "ter tudo o que manifesta querer".

Vários são os efeitos que podem ser imputados a uma educação permissiva: inadaptabilidade social, irresponsabilidade, falta de capacidade de auto-crítica, entre outros.

Inversamente, a exigência demasiada pode dar margem a um afastamento progressivo do menor de um processo normal de desenvolvimento.

Rigidez, dogmatismo, despotismo, isto é, não aceitar que os filhos pensem, desejem ou atuem de maneira discordante da sua, gera no filho conflitos graves. Pais perfeccionistas, com consciência moral hipertrofiada podem contribuir para a formação de um ego fraco: o filho corre o perigo de envolver-se para condutas anti-sociais: homossexualismo, prostituição, delinquência.

Em "Atitudes familiares nocivas à criança", pediatra de serviço de higiene mental aponta, além dos fatores já mencionados que podem traumatizar a criança e o adolescente, as atitudes erotizantes. Abraços e beijos excessivos, carinhos em zonas eróticas, podem levar o menor a má identificação com um dos pais, a conflitos sexuais, a sentimentos de culpa pela não solução dos chamados complexos de Édipo e de Electra.

É óbvio que não são sempre os pais os responsáveis pelo desenvolvimento insatisfatório dos filhos.

Nas origens de comportamentos homicidas de menores da nossa faixa social foram evidenciados casos de desvios de personalidade que fazem parte da estrutura psicológica individual.

A influência familiar vai diminuindo, conforme o crescimento da criança. A escola, os meios de comunicação social, passam a ter maior peso na sua formação. Depois, é época da influência dos companheiros. Muitas vezes, é nesse período que o menor se sente marginalizado no ambiente familiar (acha que ninguém o compreende), devido à defasagem de valores entre as duas gerações.

Entrevistado universitário a respeito da marginalização de jovens, colhemos os seguintes depoimentos:

"O jovem, na sua vivência social, deixa de agir de acordo com a consciência individual e passa a se reger por uma consciência coletiva. Alguns não chegam a esse estágio por desejarem uma auto-afirmação e são podados pelo grupo".

Note-se que a rejeição grupal é causa de grandes frustrações para a adolescente, que tem enorme necessidade de "pertencer".

Prosseguimos com as reflexões feitas pelos estudantes:

"Há os que se marginalizam por razões políticas; afastam-se do grupo por verificarem que os companheiros aceitam ou não aceitam o sistema tal como ele é. E há os que são marginalizados pelo sistema, como os que se envolveram em reivindicações estudantis e foram obrigados a interromper seus estudos sendo atingidos pela Lei 477".

Indagados das causas do uso de drogas e da tendência ao suicídio a qual, segundo os universitários, está aumentando — acreditam eles que se trata de supervalorização de problemas pessoais: a falta de vivência de situações difíceis, acrescida de desequilíbrio emocional levam os jovens desajustados à fuga através das drogas, da bebida e até mesmo da auto-eliminação para não serem obrigados a fazer frente a situações que não conseguem suportar.

Acreditam os estudantes entrevistados que alguns jovens enveredam pelo caminho dos tóxicos por curiosidade, por espírito de aventura; outros aliciados por companheiros já viciados.

Reportando-nos aos casos recolhidos na equipe de trabalho, constatamos aliciamento de estudantes do 1.º ciclo escolar por traficantes de drogas:

Filho de comerciante preso como ladrão de automóveis: havia sido viciado por vendedor de pipoca que fazia ponto na frente do colégio que frequentava; temeroso da reação dos pais, não ousou lhes contar e nem pedir aumento substancial da mesada; foi então induzido a participar de quadrilha que roubava carros, para poder receber doses de tóxico.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: OSÃO PAULO

Data: 21-27/12/1974

Pág.

Parte n.º

N.º do recorte: 9060-E

O mais importante a ressaltar nesta fase da pesquisa é que nos casos de menores da nossa faixa social, quando os pais ou responsáveis tomam consciência do estado de marginalidade em que eles se encontram, têm todos os recursos à sua disposição para iniciar o processo de tratamento para conseguirem a sua ressocialização — psicólogos, psiquiatras, pedagogos, advogados, casas de saúde especializadas.